

# ECO POPULAR

FOLHA POLITICA E NOTICIOSA.

1.º ANNO

Publica-se às segundas e quintas-feiras

NUM 23

PREÇO:—Assignatura, (paga adiantada), trimestre—600 rs. Para fóra, pelo correio, trimestre 660 rs. Brazil pelos paquetes, anno (moeda forte) 53000 rs.—Anuncios, 30 rs. a linha; repetição, 20 rs.—Publicações no corpo do jornal, 40 rs. a linha.—Publicações litterarias, 2 exemplares.—Numero avulso, 40 rs.

SEGUNDA-FEIRA 12 DE MAIO DE 1879

A redacção só se responsabilisa pelos escriptos não assignados. Escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados não serão restituidos.—Toda a correspondencia dirigida ao administrador de jornal Francisco Pedro Felgueiras.

GUINARAES, 11 DE MAIO

## A POLVORA

A polvora é fatal ao sr. Fontes.

E' sina do sr. Fontes.

Ha muitos annos já, obstinava-se s. exc.<sup>a</sup> como agora, em não abandonar o poder. Assediado no parlamento pela opposição que o combatia, o sr. Fontes empertigou-se no alto da sua vaidade, tomou os ares de Jupiter que lhe são peculiares, e disse, *com gesto irado, ameaçando terra, ceus, o mar e o mundo*:

—Não cahirei, meus senhores, senão quando um barril de polvora fizer exploração debaixo de mim!

E cahiu, o sr. Fontes, não como Jupiter, mas como qualquer simples mortal, como caem os homens balofos, os ministros insignificantes, os estadistas fanfarrões, como o é, sem offensa e muito comprovadamente, o sr. presidente do concelho.

Isto não quer dizer que o governo está prestes a cair, por se ter tratado uma questão de polvora. Pode avisinhar-se a crise, esta crise impossivel que ha tanto está latente, e que só a *gíria ministerial* evita que se torne ostensiva, por todos os expedientes licitos e illicitos a que

o gabinete se socorre para se manter; mas não será por causa da polvora que se dará a derrocada do edificio grandioso e arrogante da penitenciaria. Póde dar-se a queda por falta de polvora, mas não da que alimenta os canhões, que essa não escasseia, mas da que alimenta os compadres e os afilhados, da polvora que é elemento essencial das obras publicas de Coimbra e do Algarve, da polvora que o sr. Fontes distribue ás suas hostes aguerridas nas portarias surdas, da polvora, n'uma palavra, que dá o equilibrio orçamental, e equilibra as finanças pessoas de muitos regeneradores, á sombra de serviços publicos que não prestam, de civismo que não sentem, de concessões que prejudicam o paiz, de patronatos, de nepotismos, de escandalos, de... irregularidades como em linguagem regeneradora se chama a umas coisas que o código penal pune severamente, e a consciencia publica castiga com mais severidade ainda.

Mas a polvora é fatal ao sr. Fontes.

N'outro tempo falhou-lhe uma explosão, e s. exc.<sup>a</sup> caio miseravelmente, sem a morte espectacular que desejava, por se harmonisar bem com a sua espectacular individualidade.

Agora, é o sr. Fontes que transige com a polvora, receioso de que ella o faça cair na valla obscura reservada para sepultura dos falsos grandes homens.

Eis o caso:

Era em 1876. O sr. Fontes ainda não tinha soffrido dos dentes, nem visitara o grande Bismark. Mas s. exc.<sup>a</sup> era, como hoje, presidente do conselho de ministros e ministro da guerra.

Um dia apresentou-se o sr. Fontes na camara electiva e pediu 80 contos para fazer da fabrica de Barcarena, o primeiro estabelecimento productor de polvoras no velho e no novo mundo. Como o sr. Fontes engrandeceu os serviços que aquelles 80 contos iam prestar ao paiz! Barcarena ia ser rival das primeiras fabricas do seu genero. Podia ser que o producto da sua polvora não matasse *odeficit*, não acabasse com a divida fluctuante, não restituísse ao orçamento o seu perdido e desejado equilibrio; mas era fóra de duvida que havia de render muito, e tanto, que o seu rendimento daria para os encargos de um emprestimo, com o qual se podia erguer o exercito portuguez ás alturas de um exercito de primeira ordem, por ventura capaz de se bater com os

melhores e mais bem organisados exercitos da Europa.

Deram-se os 80 contos ao governo, e esperou-se o resultado da polvora. E o sr. Fontes, callado, muito bem callado, sem dizer uma palavra sequer ao paiz, que levantasse o seu entusiasmo pela polvora nacional, pela fabrica de Barcarena, e pelo seu redemptor e do exercito.

Eis se não quando, chega o anno da graça de 1879, e o sr. ministro da guerra propõe a abolição do monopolio da polvora e a proclamação do principio da liberdade no seu fabrico! Houve admiração, houve surpresa, houve pasmo! Custava a conciliar as duas oppositas opiniões. Julgava-se que nem o sr. Serpa, que já provou ser 39 igual a 40, conciliaria este desaccordo entre 1876 e 1879. Pediram-se explicações ao sr. Fontes, e o sr. Fontes deu-as plenas, cabaes, irrespondiveis.

O sr. Fontes declarou que 1876 não é 1879.

O sr. Fontes declarou que, em 1876, julgava saber muito de polvora e não sabia nada.

O sr. Fontes declarou que os 80 contos foram arremeados á voragem medonha dos desperdícios, que já são legendarios no seu partido.

O sr. Fontes julgava benzer se quando pediu os 80 contos e quebrou os narizes.

Só os concertos durante a sua viagem no estrangeiro. Então é que s. exc.<sup>a</sup> vio o que são fabricas de polvora. Barcarena, nunca pode ser nada. Não tem floresta, não tem canaes, não tem sequer um caminho de ferro para seu serviço. Barcarena é um arremedo de fabrica de polvora. Barcarena não é nada, nem os 80 contos avultam n'ella.

As lições da viagem—oxalá que não sejam como as da historia, por que em geral, as lições ensinam pouco ao sr. Fontes—as lições da viagem convenceram-o de que o monopolio é o principio esterilizador da polvora, e que a polvora só se desenvolve á sombra da arvore benefica da liberdade. E o sr. Fontes não é teimoso, não senhores, e convencido do seu erro confessa-o e faz penitencia d'elle.

E assim procedeu o nobre senhor presidente de ministros.

—Vim aqui—disse elle—por que me convenci da necessidade de dar explicações.

E deu-as, como um ministro não pode nem deve dal-as, por que ministro, estadista, alto politico, grande homem, que confessa ter errado, deve, por



DIARIO D'UMA MULHER

POR

OCTAVIO FEUILLET

TRADUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

(Continuado do n.º 22)

Nós afastamo-nos para a deixar soegar. Todos os hospedes da sr.<sup>a</sup> de Louvercy passeavam aos grupos, conversando a meia voz, e influenciados pela belleza da noite. O luar brilhante e puro illuminava o amplo pateo; e, no meio da agua prateada do lago, dormiam immoveis os dois cysnes envoltos na sua alvura de neve. Conversando em cousas indifferentes, passeavamos o sr. d'Eblis e eu,

entre a extremidade do lago e as primeiras arvores da avenida, que o denso manto de folhagem, tornava escura no meio de tanta claridade. Depois de um curto silencio, disse eu ao sr. d'Eblis!

—Uma scena tão agradável e tranquilla deve formar um singular contraste, com as suas recordações de guerra, não é verdade, commandante?

Elle parou:

—Terá o dom da dupla vista, minha senhora?

—Tenho apenas o dom de primeira vista, disse-lhe eu rindo-me, porque sou muito myope... Mas porque me faz essa pergunta?

—Porque agora mesmo estava-me recordando d'uma scena da minha vida militar, succedida n'uma noite tão agradável como esta, mas menos pacifica.

—Poderei saber qual foi?

Hesitou, suspirou, depois inclinando-se ligeiramente;

—Oh! meu Deus! sim.—

Eu estava então por debaixo de Metz... Na noite de que fallo, a 27 de outubro, eu tinha sido encarregado de levar algumas ordens, de que sabia bem o sentido... Eu devia mandar fazer alto a um dos nossos regimentos, de que não me recorda o numero, tinha-o encontrado, e, dado, com effeito, ordem de fazer alto... Ia tornar a partir... Esperava unicamente, que o meu cavallo descançasse um pouco... Achavamo-nos n'uma planicie, perto d'uma aldeia chamada Colombey, creio eu; as horribes tempestades, que assignalaram estes tristes dias, tinham serenado por algumas horas; a lua reflectia-se nos charcos d'agoa, que cobriam o campo.—A imaginação faz aproximações extravagantes.—Ha com certeza pouca relação entre o quadro risonho, que temos presente, e aquelles incommodos lamaçoes; todavia, ainda agora, este luar sobre a agoa fazia-mos lembrar,

... e os formosos cysnes, que alli dormem, recordavam-me os dragões da minha escolta, immoveis como elles nos seus mantos brancos... O regimento, debaixo de fóra e com as armas em descanso, esperava novas instrucções. Tinham accendido um grande fogo de bivac, em volta do qual alguns officiaes conversavam em voz baixa, com modo sombrio... Desde a vespera, que nos acampamentos corriam rumores de capitulação... O coronel, homem já idoso, e de bigodes grisalhos, passeiava d'um lado para o outro, só, e a alguma distancia, amarrotando na mão a ordem, que eu lhe tinha trazido.—De repente, aproximou-se de mim, e agarrou-me no braço:

—«Capitão, disse-me elle, com modos provocadores, duas palavras, se faz favor!...—Vem do quartel general... deve saber mais do que eu... Está tudo acabado não é verdade?

—«Meu coronel, dizem-no, e eu creio-o.

—«Crê-o?... Como póde crer semelhante coisa?

Largou-me o braço brusca e, voltando-se arrebatadamente para mim, olhou-me com firmeza.

—«Então, estamos prisioneiros?

—«Reccio isso, meu coronel.»

Houve ainda uma pausa: permaneceu algum tempo diante de mim em attitude de profunda reflexão; depois, levantando a cabeça, disse com extraordinaria commoção:

—«E as bandeiras?

—«Não sei meu coronel.

—«Ah! não sabe?»

(Continua)



dignidade sua, e por honra do paiz, entregar a gestão dos negocios publicos a quem melhor saiba dirigi-los e administrar-los.

O sr. Fontes pedio 80 contos para reforçar o monopolio da polvora, gastou-os, esbanjou-os, estragou-os, perdeu-os, e agora vem confessar que se enganou, e propôr que se substitua o regimen da liberdade ao do monopolio.

E se agora se enganar tambem?

Se o monopolio tiver sido improficuo por inhabilidade do sr. Fontes?

E se a liberdade produzir maus resultados, dirigida por este estadista, que se inculca o primeiro do mundo, e vem humildemente pedir desculpa ao parlamento de se ter enganado?

Uma pergunta ingenua:

—Qual será a questão que possa fazer cair o sr. Fontes?

Se s. ex.<sup>a</sup> sustenta os seus erros como boas praticas, mantem-se; se confessa ter errado, mantem-se tambem—e assim descobriu s. ex.<sup>a</sup> o elixir maravilhoso da eterna conservação do gabinete.

Impenitente ou contricto, o sr. Fontes insiste em levar a cabo a obra satanica da desgraça d'este paiz.

Esta é que é a verdade.

Se o paiz assim o quer!

**BOLETIM PARLAMENTAR**

Na camara dos srs. deputados continua a discussão do orçamento geral do estado. O capitulo do orçamento

inherente á instrucção publica, serviu de ensejo para alguns professores, que teem assento na camara, fallarem largamente sobre a deficiente organização da nossa instrucção publica.

Usou da palavra, em primeiro lugar, sobre este importantissimo assumpto, o nosso correligionario e talentoso professor da Universidade, o sr. Jose Frederico Laranjo, que proferiu um discurso substancioso, confirmando os creditos, que justamente goza de professor distincto. O sr. Laranjo mostrou conhecer o assumpto, expondo largamente as reformas que julgava indispensaveis, para que a instrucção publica produzisse entre nós os beneficos resultados que desde ha muito colhem outras nações da Europa.

A este orador seguiu-se o sr. Rocha Peixoto, Alfredo, que tambem discorreu largamente, tratando de refutar as accusações que o sr. Laranjo fez ao governo, por deixar a instrucção publica no cahos em que se encontra, estando ha oito annos no poder.

Coube em seguida a palavra ao sr. Rodrigues de Freitas, que discursou larga e proficientemente sobre o estado da instrucção publica entre nós, e o estudo e a attenção que este importantissimo assumpto merece dos governos das outras nações da Europa.

O distincto professor da Academia Polytechnica do Porto discursou tão brilhantemente,

revelando conhecer todas as reformas que sobre o assumpto em discussão os parlamentos estrangeiros teem approvado, que a camara, sem distincção de côr politica, ouviu com o mais religioso silencio e applaudiu calorosamente o notabilissimo discurso do illustre deputado por o Porto.

Eis o que a respeito do discurso do sr. Rodrigues de Freitas se lê no *Boletim Parlamentar*, do nosso estimavel collega da *Democracia*:

«Em seguida fallou o sr. Rodrigues de Freitas, que foi felicissimo.

Nunca ouvimos o illustre deputado orar tão primorosamente e com tanta e tão commovente e inspirada unção.

O sr. Rodrigues de Freitas foi singelo no seu dizer, como quem sente o que diz; mas foi um profundo philosopho e foi tambem um apostolo da instrucção e da familia pelos laços do amor

O que é o sentimento das coisas verdadeiramente bellas e santas! Toda a camara ouvia com um silencio commovido o orador, que no tremor da voz mostrava que os labios traduziam apenas o que lhes ditava um coração nobilissimo lustrado pelos mais formosos e fecundos dictames da democracia.

O sr. Rodrigues de Freitas teve um verdadeiro successo, e, o que é melhor, não o deveu á rhetorica, em to á sin gela e candida exposição das mais e-

levadas aspirações da humanidade.

Com o mais humilde respeito e a mais sincera urbanidade,—quer na fórma, quer na intenção,—solicitamos da camara municipal a graça de regular ou estabelecer,—como o criterio e as luzes dos srs. vereadores o julgarem mais conveniente,—a hora em que os seus zeladores devem fechar os portões e assender a illuminação do jardim.

Isto muito respeitosa e pedimos, para que os frequentadores do jardim não estejam sujeitos ao capricho ou thermometro dos srs. zeladores, ou estes á vontade d'aquelles. O jardim, ora se fecha ás 8, ora ás 9 horas, e já se fechou uma d'estas noites ás 10 horas, e esta irregularidade verifica-se, crêmos nós, segundo o thermometro dos srs. zeladores designa o calor ou o frio atmosferico.

Já que nos estamos dirigindo á camara vem a proposito fazer aqui umas considerações.

Nós nem accusamos nem louvamos systematicamente, seja quem for. A nossa missão n'este lugar é propagar ideias, diffundir principios, encaminhar a opinião para as doutrinas que nós temos como mais salutares ao bem publico.

Discutimos, combatemos, mas sempre inspirados na rectidão e na justiça.

Não discutimos não queremos discutir, pessoas. No desempenho da ardua missão que nos impozemos, nem sequer chegamos a enxergal-as.

Quando transpomos as portas d'esta redacção, deixamos ficar na rua os nossos aggravos individuaes.

Quer condemnando, quer louvando, as sympathias ou antipathias pessoais não influem nas apreciações que fazemos. Isto não é vangloria. É a verdade, comprovada por os factos.

Discutir pessoas! E para que? e quem? A imprensa é uma institui-

ção tão levantada, que seria grave injuria para ella e para a nossa dignidade se descessemos a tercear n'este campo.

Nós só discutimos e só discutimos factos publicos de homens publicos.

Estes, porém, corre-nos o dever, mos o direito de os analysar, commentar e criticar segundo as nossas opiniões e o nosso espirito o permittir.

Isto não é uma explicação e muito menos uma satisfação. E—e de culpem-nos se formos pretenciosos, immodestos nas nossas intensões, simplesmente uma lieção.

Nunca trepidámos na manifestação das nossas opiniões. A nossa critica fazemola e fal-a-hemos desabradamente, porque não nos infundam vãos phantasmas. O nosso canho é a linha recta e seguil-a-hemos sempre ávante.

Alguns srs. vereadores medraram-se e assomaram-se p o que dissemos no ultimo numero, respeito do mestiphorio que fizera no jardim.

Julgamos que já fica dada resposta condigna aos seus graciosos agastamentos.

«Ironia, verdadeira liberdade! E's a medicação heroica contra a neração da rotina, o douche miraculoso contra todo o genero... etc., etc.»

Os srs. vereadores que conhecem Proudhon sabem o resto, e d'a maneira temos explicada a fórma da noticia incriminada.

Posto isto, só nos resta dizer que a camara com o paternal carinho que a caracteriza, já mandou circundar os cravos com umas astes de canna para os defender da mão inquietada da brinchalona brisa matutina.

O morango e o pecegueiro continuam vigorosos e encantadores, com a sua ragem verde e o seu fructo nacando.

Duvidam que no jardim existam morangos e pecegueiros?

Quem tem olhos para ver veja! fica sabendo logo que a camara não



**O QUARTO**

(A ALBERTO BEGÜNA)

O aposento é vasto e decorado com certo gosto e luxo especiaes, faz-nos lembrar um quarto encantado dos contos orientaes...

O abat-jour d'um candieiro emsombra com luz de languidez o aposento e os passos amortiça a rica alfombra que cobre o pavimento.

Sobre o popel azul cheio de estrellas destacam-se as riquissimas molduras, que enquadram primorosas aquarellas de lubricas posturas...

Sobre uma jardineira, recendentes exoticas flores de estufa estão em vasos esmaltados, transparentes de Sevres e Japão.

As fôfas othomanas e os sophás com as voluptosas almofadas convidam á vulupia de pachás as almas mais regradas...

Sente-se pular o sangue quente n'um lubrico transporte de desejo, e dá vontade á gente

que o silencio quebre de repente o estalar d'um bejo...

E n'um voluptoso enlarguecer entra agente a scismaruns céos semfim —uns bejos de mulher— —as ancias deleitosas do prazer— —a tentação em fim!

**A ALCOVA**

(A AUGUSTO SILVA)

Erguendo o resposteiro adamasado tem-se entrada no quarto virginal; ali tudo é formoso e delicado parece aa mansão do ideal...

O leito onde descança a gentil fada, onde ella dorme o somno descuidosa em vaporosos sonhos embalada, é vedado á vista curiosa.

Cobre-o um cortinado d'alvas gazas, que faz pensar á gente que entra avel-a, se por acaso é o archanjo d'ella, que sobre o leito estende as niveas azas!

Sobre o papel azul com matiz de ouro destaca-se um Christo de marfim, e por baixo se ajoelha um anjo louro de junto d'uma pia de bis-cuim.

Em cima d'uma mesa um lampadario espargue pela alcova a frouxa luz,

que a meio allumia este Sanctuario e vac bater nas faces de Jesus.

N'um divan está posta alguma roupa da que cinge o formoso seraphim; e mesmo ao pé, no chão, o olhar tópa as pequeninas botas de setim.

O vestido azul está posado em cima da othomana, e na espalda a anágua e o corpete espartilhado, e uma liga, ao pé, côr de esmeralda...

Tirando o christo e o anjo, a belleza que n'esta linda alcova se contem, parece que nos leva de surpresa ao quarto da Odalisca d'um harém.

**TABLEAU...**

(A JUANITO BARTOL)

Era uma encantadora espanholinha, alegre, jovial e vaporosa, que mal me via ao longe logo vinha nos meus braços lançar-se pressurosa...

«Tal és mi puro amor, (ella dizia), que se te viera, aóra desgraçado, ¡ con que cariño yo te quereria! ¡ e con que amor yo te huviera amado!»

E dizia isto sempre com tal modo unctuosos, sagaz, e assucarado, e tanto ao vivo impingia todo «o non plus ultra» do amor mais gradado.

que eu todo me embevia e fascinava mas n'um grau tão subido e extravagante que se qualquer me visse ajuisava que eu em coisas d'amoreria um pedante.

Eu quil-a experimentar. Disse-lhe um dia «A esperanza que ergui cil-a bem rasada não sei que cruel anjo agora havia de estender sobre mim a negra aza.»

«Porém se o teu amor me é norte e guia e me vem adoçar a amarga taça, eu dou por bem soffrida esta agonia e contente me curvo á desgraça»...

Nunca mais me quiz vêr desde esse dia e eu que a experimentei fiquei contente De saber qual amor é que a prendia... —amor a meia libra reluzente!

Por acaso outro dia indo eu passando, telintaram-me as chaves na algibeira... Ella olhou para mim... sorriu fagueira... Eu sorri d'ironia e fui andando.

JAYME PHILINTO



gosta de jardins, apprecia melhor os quintalejos.  
Ainda querem que se leve isto a serio! ... Ora lérias! ...

A companhia dos bombeiros municipaes mandou hontem celebrar, na egreja dos Santos Passos, um solemne «Te-Deum», em acção de graças por o restabelecimento de S. M. a Rainha.

Assistiu a esta solemnidade toda a corporação, bem como um piquete dos seus collegas voluntarios, com os respectivos commandantes.

O templo estava adornado com damascos e bandeiras nacionaes e italianas.

Falleceu no sabbado ultimo e sepultou-se hontem na egreja da Insigne e Real Collegiada, d'esta cidade, o rev. José Martins Vimaranes, conego-chante d'aquella corporação.

Foi doloroso e prolongado o padecimento que levou á sepultura este bondozo e exemplar sacerdote.

Que a sua alma goze o descanso eterno.

Realizou-se hontem por as 11 1/2 horas da manhã, como estava annunciado, a benção do cemiterio publico d'esta cidade.

Esta cerimonia foi feita com alguma solemnidade, assistindo a ella, com as vestes apropriadas, quasi todas as irmandades e ordens existentes n'esta cidade.

Foi celebrante o muito digno Arcyepreste do julgado, assistindo a esta cerimonia muita gente tanto d'esta cidade como das freguezias proximas.

Como nos domingos de tarde, á hora em que a banda de caçadores 7, toca no «square» do Toural este é bastante concorrido e sejam insufficientes os bancos que o guarnecem, lembramos á zlosa direcção do Asylo de Santa Estephania a conveniencia de mandar para ali algumas cadeiras.

Se a illustre direcção se dignar attender ao pedido que ousamos fazer-lhe, não somente beneficia o publico como tambem o asylo colhe alguns donativos.

**ANNUNCIOS**

**Despedida**

Joaquim Sampaio Guimarães, tendo de se retirar temporariamente para o Rio de Janeiro, despede-se dos seus amigos, pedindo-lhes desculpa de o não poder fazer pessoalmente por falta de tempo, offerecendo-lhe o seu lemitado prestimo n'aquella cidade do Rio de Janeiro.

(31)

**Arrematação**

O conselho administrativo do batalhão de caçadores n.º 7, faz publico que no dia 26 do mez de maio corrente pelas 10 horas da manhã, na sala da secretaria do quartel do referido corpo e perante o

mesmo conselho, se ha-de dar por arrematação em hasta publica, e a quem por menos o fizer, a obra que tem por fim a feitura de um fogão de ferro, e collocação d'um guindaste, e de varios reparos na cozinha do rancho.

As condições da obra a arrematar, acham-se patentes na secretaria, onde poderão ser consultadas pelos interessados, todos os dias, das 10 da manhã a 1 da tarde.

Quartel em Guimarães 8 de maio de 1879.

O secretario do conselho administrativo.  
Antonio Joaquim d'Azevedo e Almeida  
Tenente de Caçadores n.º 7

**REUNÃO DE CREDORES**

No dia 16 do corrente mez por 10 horas da manhã, no Tribunal Commercial d'esta cidade, situado na rua das Lamellas, ha-de ter lugar a reunião de credores para verificação de creditos, no processo de fallencia do commerciante que foi n'esta cidade, José Antonio de Sousa Brandão; o que se faz publico para conhecimento de todos os credores, os quaes se poderão representar por procurador, mas com a declaração de que esse procurador não poderá figurar por mais do que um credor.

Guimarães, 10 de maio de 1879.

O escrivão  
João Joaquim d'Oliveira Basto  
EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito desta comarca e cartorio do primeiro officio correm editos de trinta dias a citar os coherdeiros Joaquim Coelho de Queiroz, José Coelho de Queiroz, José Ferreira, e Joaquim Ferreira, ausentes em parte incerta no imperio do Brasil, e bem assim quaesquer credores do fallecido José Antonio Coelho de Queiroz, que foi morador no logar d' Alem, freguesia de Santa Maria de Guardizella, desta mesma comarca, para no dito praso, a contar da ultima publicação deste annuncio, assistirem aos termos do respectivo inventario e deduzirem n'elle seus direitos, pena de revelia. É inventariante a viuva do finado, Maria Theresia Machado.

Guimarães 2 de maio de 1879.

Conforme,  
T. de Queiroz  
O escrivão,  
Manoel de Sousa Loureiro.  
(28)

**Certidão**

João Joaquim d'Oliveira Basto, escrivão e tabellião de um dos officios do juizo de direito d'esta cidade de Guimarães e sua comarca, e n'ella o

districto respectivo escrivão privativo do tribunal commercial de primeira instancia, por S. M. F. El-rei o senhor D. Luiz I, que Deus Guarde etc. Certifico que o sou dos autos d'abertura de fallencia do negociante que foi n'esta praça, José Ferreira Guimarães, e que nos mesmos se acha a seguinte:

**SENTENÇA**

O tribunal commercial de Guimarães, attendendo ás respostas affirmativas, dadas aos quesitos propostos, em sua conformidade decreta: a abertura da fallencia do negociante d'esta praça, José Ferreira Guimarães; a nomeação de juiz comissario e curadores fiscaes; e a apposição dos sellos; baixando competentemente es tadeção para seu inteiro cumprimento. Guimarães 3 de maio de 1879. O juiz de direito e presidente, José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel e Vasconcellos, Domingos Antonio de Freitas, José da Costa Nogueira e Souza, Antonio Maria Duarte Ribeiro de Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro de Souza Guimarães, José Joaquim da Costa, Antonio de Campos Silva Pereira, Francisco Joaquim da Costa Magalhães, Antonio José da Costa Braga, José Maria Pestana de Vasconcellos.

Nada mais se contém na dita sentença, que eu referido escrivão, João Joaquim d'Oliveira Basto, para aqui bem e fielmente fiz passar por certidão dos mencionados autos a que me reporto no meu cartorio, e com os quaes esta conferi e achei conforme.

Guimarães 5 de maio de 1879. Eu João Joaquim d'Oliveira Basto, escrivão, o subcrevi.

João Joaquim d'Oliveira Basto.  
(27)

Vende-se a propriedade do Baccello e pertencas sita na freguezia de S. Martinho de Sande d'esta comarca de Guimarães, a quem mais por ella offerecer, quem a pretender compareça no dia 18 do corrente mez por 10 horas da manhã na freguezia de Caldelas lugar das Taipas, á porta do Hotel do Villas.

(29)

**Aos Mestres Sapateiros**

Na rua Nova do Commercio n.º 11 a 13—ponta-se obra á machina com toda a perfeição—Preços rasoaveis.  
(21)



**SINGER**

MACHINAS PARA COSER

LEGITIMAS

DA

Companhia Fabril SINGER

17—Rua de S. Vicente—17

BRAGA

SINGER

As melhores machinas para custura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival.

Vendeu no anno de 1877, 252:812 machinas de custura !!! mais 20:496 que em 1876.

A COMPANHIA FABRIL

SINGER

Vende as suas magnificas e sempre acreditadas machinas, ao alcance de todas as fortunas, a prestações de 500 reis semanacs sem prestação de entrada ou 10 por cento a menos a prompto pagamento.

MACHINAS LEGITIMAS

SINGER

Para familias, alfaiates, costurairas, chapelleiros e sapateiros

A Companhia Fabril SINGER

Garante todas as suas machinas não só no seu bello trabalho, como na sua immensa duração, com séria garantia.

Avisamos o publico que tenha todo o cuidado para não ser enganados com as machinas imitações, como algumas pessoas, por infellicidade d'ellas o tem sido.

As machinas legitimas SINGER só se encontram á venda na Sub-cursal da

Companhia Fabril

SINGER

18—Rua de S. Vicente—17

BRAGA

Em sua agencia em Guimarães, em casa de Antonio José da Costa Braga, Rua Nova do Mercado n.º 1 a 5 e nas casas estabelecidas em todas as capitaes dos districtos de Portugal e Hespanha.

Ensino esmerado e gratis em casa do comprador. Peçam cotalogos illusirados com lista de preços, que se enviarão GRATIS.

Singer



**VINHO**  
DO  
**ALTO DOURO**



**CASA**  
DE  
**VILLA POUÇA**

**PREMIADO**  
NAS  
**EXPOSIÇÕES**

José d'Oliveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fóra a garrafa)

Tnto de meza . . . . . 150 rs.	Moscatel . . . . . 500 rs.
Lagrima . . . . . 200 rs.	Vinho de 1854 . . . . . 600 rs.
Tinto . . . . . 190 rs.	Roncon . . . . . 700 rs.
Tinto fino . . . . . 210 rs.	Vinho de 1825 . . . . . 1:000 rs.
Vinho velho em prova secca 300 rs.	Reserva de 1838 por garrafa 2:250 rs.
Malvasila, 2. <sup>a</sup> qualidade 360 rs.	Bual de 1851 . . . . . 1:000 rs.
Vinho velho . . . . . 400 rs.	Delicado de 1857 . . . . . 800 rs.
Alvaralhão, superior . 560 rs.	Especial de 1862. . . . . 600 rs.
Bastardo velho . . . . . 500 rs.	Serveja ingleza . . . . . 110 rs.
Malvasia 1. <sup>a</sup> qualidade . 500 rs.	« Nacional . . . . . 50 rs.

**A RETALHO**

Vinhó de mesa a 50, 60, 80, e 120 rs. o quartilho do tinto e 120 réis do branco. Este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel An-

**Estabelecimento de Loterias**

DE

**JOÃO MARQUES D'ALMEIDA E CASTRO**

327, RUA DE SANTA CATHARINA, 331

**—PORTO—**

Este estabelecimento, que por grande numero de pessoas tem sido preferido a outros, não só por os premios que no mesmo constantemente estão sabindo, mas por a promptidão com que executa as encomendas que lhe são dirigidas, continua a ter á venda para todas as loterias, bilhetes inteiros, meios ditos, quintos, quartos, decimos, oitavos e fracções de 600 reis, 500, 300, 250, 200, 130, 100 e 40 reis.

Satisfaz para as provincias todas as encomendas de bilhetes ou fracções em pequena ou grande quantidade) vindo as mesmas acompanhadas da sua importancia, em ordens, vales do correio ou estampilhas do mesmo.

Envia, gratuitamente, os prospectos, a todas as pessoas que desejarem ser informadas dos premios de que se compoem as loterias e dos dias em que as mesmas se teem de extrahir; assim como remette no fim das extracções, as respectivas listas geraes dos premios.

**AOS PRETENDENTES**

Apesar do grande numero de correspondentes que este estabelecimento tem nas provincias para a venda de bilhetes e fracções de todas as loterias, o mesmo recebe ainda propostas das pessoas que pretenderem vender este genero á commissão. Os pretendentes que quizerem encarregar-se da venda d'esta fazenda, podem com ella, **NEGOCIAR SEM RISCO** porque se acceita de novo até ás vespervas das extracções, toda a fazenda que os mesmos não tiverem vendido. Além d'isso teem a vantagem de poderem **NEGOCIAR SEM EMPREGAR CAPITAL** porque a importancia de qualquer remessa que lhes seja feita, pode ser enviada depois da fazenda vendida, bastando para isso que o portador dê como conhecimento um negociante da cidade do Porto.

**A commissão é vantajosa e os mais esclarecimentos dão-se a quem os pedir.**

tonio Monteiro de Campos; em Vizella, em casa do snr. João Teixeira Alves, nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; em Porto, em casa do snr. F.G., Santa Cruz, rua de Santa Catharina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fã n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alg duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem, afim de assistirem a votação dos ditos vinhos.

**TYPOGRAPHIA**

**9—Rua do Espirito Santo—11**

N'esta officina fazem-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o qual está sortida com excellentes typos. Os preços são harmonisados com os de iguaes estabelecimentos, e a nitidez com que são feitas todas as obras póde julgar-se pelas que aqui tem sido feitas.

**JORNAL DAS DAMAS**

(13 ANOS DE PUBLICAÇÃO)

Proprietario e editor

**JOAQUIM JOSE BORDALO**

Puplicou-se o n.º 147 d'esta interessante revista de modas, a mais antiga que existe em Portugal, contendo a descripção das mais elegantes *toilettes* para passeio, visita, baile, theatro, n.ºsa; para meninas etc. etc. com o detalhe dos mais modernos chapéus, *paletots*, *tunicas fichus* a todas as indicações tendentes e modas; artigos de litteratura, poesias, etc. Acompanha cada numero d'este jornal dois bellos figurinos gravados e illuminados em Paris, e alternadamente uma folha de debuxos e moldes para cortar fato de senhora.

**15 brindes gratis**

Joaquim Jose Bordalo, travessa da Victoria 42—1.º, no Porto Coimbra, Braga e em Setubal nas principaes livrarias, e em S. Miguel na livraria de Marianno Machado (com o augmento de 25%, differença da moeda.) A importancia de qualquer assignatura pode ser enviada ao editor em estampilhas de franquia, ou em vales do seguro do correio.

AOS ASSIGNANTES

A empresa offerece este anno 15 Brindes aos assignantes, sendo tres que se entregam gratis no acto da assignatura, e doze á sorte durante o anno, incluindo n'estes cinco ricos livros de Missa de capas de marfim, tartaruga, madre-perola, buffalo, chagrin e veludo, e um bointo al bum para retratos com differentes peças de musica, ficando a assignatura de graça para uns, quasi e de graça para outros.

Preço da assignatura: Lisboa 1 anno 2\$400 reis -- 6 mezes 1\$500 reis. Brasil e provincias, ultramarinas 2\$600 reis, moeda forte. Numero avulso, 240 reis. Todas as assignaturas são pagas adiantadas, e recebem-se em Lisboa na livraria do editor

**MAPPA DE MOÇAMBIQUE**

Com a demarcação de terrenos cedidos ao iz.

snr. Paiva d'Andrad acompanhado da descriptão da provincia de Moçambique.

Preço 25 reis para as provincias—Vende na Calçada de S. Francisco, 2 lithographi «Duende.»

Brevemente se publicarão os mappas de todas as provincias Ultramarinas do nosso

**Publica-se em Madrid nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez.**

E' o mais completo de todos os jornaes de modas, por que publica durante o anno nas 1:200 columnas em que se divide 3:500 gravados no texto dando as mais recentes modas e toda a qualidade, de bordados proprios para trabalhos de senhoras e meninas, 48 figurinos a cor finas, 24 padões, em tamanho natural com mais de 1:000 modelos de diversos trajes, e debuxos para bordar. Além de tudo o que deixamos mencionado offerece uma peça de musica para o piano composto expressamente para suas assignantes.

Preços para qualquer terra de Portugal pelo correio:

- 1.<sup>a</sup> Edição anno 7\$520 reis, 6 mezes 3\$800 reis, 3 mezes 1\$900 reis.
- 2.<sup>a</sup> Edição anno 5\$640 reis, 6 mezes 2\$850 reis, 3 mezes 1\$450 reis.
- 3.<sup>a</sup> Edição anno 3\$760 reis, 6 mezes 1\$900 reis, 3 mezes 1\$000 reis.
- 4.<sup>a</sup> Edição anno 2\$820 reis, 6 mezes 1\$450 reis, 3 mezes 750 reis.

Recebem-se assignaturas na Livraria Internacional—S. Damaso, 30, 34—Guimarães.

As pessoas de fóra podem mandar a sua assignatura e a importancia em vales do correio, a Teixeira de Freitas, que immediatamente serão dadas as ordens para Madrid.